

Método, raça e identidade nacional em Sílvio Romero

Ricardo Luiz de Souza¹

Sem a pretensão, eminentemente reducionista, de explicar a obra de Sílvio Romero a partir de uma perspectiva meramente biográfica, é importante ressaltar suas origens sociais para entender sua trajetória e seu próprio pensamento. Sua modesta origem social ajuda a explicar seu ímpeto de *self made man*. Temos, nele, um intelectual descendente de uma elite rural arruinada em busca de ascensão social e tendo como arma o único capital que lhe restou, ou seja, o próprio capital intelectual que terminou por garantir sua posição. Temos, com isso, um intelectual sentindo uma permanente desconfiança e desconforto perante uma elite em relação à qual ele nunca se sentiu um membro de fato e de direito. Daí sua animosidade frente à Capital Federal e sua vida cultural; animosidade, aliás, herdada de Tobias Barreto, segundo o qual a corte do império é o resumo, a condensação sombria de toda a sorte de males que nos afligem². Já em relação à província, tudo se inverte: O que há no Brasil de aspirações elevadas, de idéias generosas, de vitalidade oculta e aproveitável, estua fervidamente no seio das províncias.³

Romero é filho de uma elite rural provinciana e empobrecida, tentando a ascensão social em um meio- o ambiente cultural carioca - em relação ao qual ele nunca escondeu seu desprezo, vendo-o sempre como potencialmente hostil. Como lembra Abreu:

¹ Mestre em sociologia e doutorando em história pela UFMG. Professor da FEMM e FACISA. E-mail: riclsouza@uol.com.br

² BARRETO, Tobias. *Obras Completas*. Aracaju, Edição do Estado do Sergipe, 1926 : vol. X., p. 176

³ Idem, vol. X. p. 36.

Diferente de outros “escritores regionais” com boa posição social em suas regiões de origem, a trajetória familiar de Sívio Romero foi a da progressiva decadência. Marcado desde a infância pelas crises da produção açucareira e pelas seguidas epidemias nas fazendas que levaram sua família à mais completa ruína, desde cedo uma das poucas alternativas que lhe restaram foi emigrar para outra região e encontrar nova atividade.⁴

Um provinciano na Corte, Romero vê-se e define-se como um defensor da província e de seus valores culturais, esquecidos pela Corte. Lista, assim, uma série de autores nordestinos que não migraram para o Rio de Janeiro e, por isto, teriam sido esquecidos, e afirma ser ele o único a falar deles.⁵

E parte, já na sua chegada, para o ataque: os primeiros artigos publicados quando de sua chegada ao Rio, em 1879, retomam o tom polêmico que marcara sua etapa recifense, tendo como alvo figuras proeminentes do Parlamento, sempre agraciados com insultos mais ou menos virulentos.⁶ Um gosto pela polêmica, aliás, permanente, mesmo quando exercido em ocasiões impróprias, como quando fez o discurso de recepção a Euclides da Cunha, na Academia Brasileira de Letras, ocasião na qual não apenas criticou Castro Alves, patrono da cadeira e, Valentim Magalhães, antecessor de Euclides, como também o próprio governo na presença do então presidente da República.⁷

Romero chega ao Rio, ainda, trazendo consigo a influência de um grupo de autores e de um mestre: a Escola do Recife e Tobias Barreto. A Escola do Recife, da qual Barreto foi figura central, significou, como ressalta Saldanha, um esforço para pensar o país, e tanto Romero quanto Barreto

⁴ ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998, p. 225.

⁵ ROMERO, Sívio. *Prefácio in BARRETO, Tobias. Obras Completas. Vol. II. Aracaju*, Edição do Estado do Sergipe, 1926

⁶ MOTA, Maria Aparecida Resende. *Sívio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000, p. 38.

⁷ VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 226.

salientaram a necessidade de buscar soluções para os problemas brasileiros a partir da análise da índole nacional.⁸

A influência de Barreto, contudo, não impede que uma clivagem se delineie entre ambos os autores. Barreto busca a valorização do conhecimento científico, ou do que entende como tal: um conhecimento onde o que é hoje economicamente verdadeiro para a Inglaterra, não o é de todo para o Brasil; o que convinha, por exemplo, a Pernambuco no século passado, não convém hoje do mesmo modo. Tudo isto quer dizer que não se trata de leis, mas de meras generalizações.⁹ Aqui, Barreto se situa no campo oposto ao de Romero, sempre em busca das leis que regeriam a formação e desenvolvimento da sociedade brasileira. Mas ele ficou, para Romero, como o mestre injustiçado; o provinciano esquecido a ser resgatado.

Uma vez no Rio- e durante toda a sua vida- Romero assume a condição de provinciano e busca transformá-la em virtude, grito de independência e autonomia perante o centralismo da corte. Para tanto, ele e outros de sua geração proclamam-se provincianos independentes.¹⁰ E, com isto, seu nacionalismo e seu provincianismo confundem-se, já que ser nacionalista, para ele, equivale a combater a absorção indiscriminada de modismos externos que caracteriza a vida da corte e contrapor a eles uma certa pureza provinciana. Com todos os defeitos inerentes a tal postura, contudo, acredito, neste sentido, ser possível concluir com Cruz Costa: É com Sílvio Romero que a mercadoria intelectual de importação passa a constituir objeto de menor importância e os problemas nacionais, sobretudo os que dizem respeito à história da cultura, passam a ocupar a atenção dos nossos letrados.¹¹

E tomando Tobias Barreto como modelo deste tipo de provinciano, ele faz questão de deixar bem clara tal dicotomia:

⁸ SALDANHA, Nelson. *A Escola do Recife*. São Paulo/Brasília. Convívio/INL, 1985, p. 105.

⁹ BARRETO, op. cit., vol. IV.p. 187.

¹⁰ ABREU, op cit. p. 198.

¹¹ COSTA, Cruz. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, p. 297.

O Dr. Tobias Barreto é, entre nós, o mais completo tipo do escritor provinciano independente. Não fez nunca romarias literárias à Capital do Império!... É sabido o quanto pesa esta lacuna... Onde eu encontro luta latente e profunda divergência é entre os nossos hábitos provincianos e a degeneração adiantada da vida cortesã em nossa terra.¹²

É, em síntese, na perspectiva de Romero, o duelo da pureza, da integridade e da independência contra a corrupção e o espírito de importação e imitação.

A perspectiva de Romero é, enfim, durante toda a vida, a de um provinciano ressentido, temeroso de ser rejeitado na metrópole e sempre em guarda contra eventuais restrições provocadas por sua origem. É a perspectiva, pois, de alguém buscando a valorização de sua região de origem como instrumento para valorizar e consolidar sua própria posição no panorama cultural do qual fazia parte.

O elogio da província implica, também, no elogio da cultura popular que ali, e só ali, segundo Romero, encontra seu refúgio. A cultura popular teria a capacidade de retratar a identidade nacional, mas não apenas ela, já que também a crítica literária de Romero toma tal identidade como parâmetro. Para ele, o espírito nacional não está estritamente na escolha do tema, na eleição do assunto, como se supõe... o caráter nacional, esse *quid* quase indefinível acha-se, ao inverso, na índole, na intuição, na visualidade interna, na psicologia do escritor.¹³

E é Machado de Assis- o próprio desafeto a quem ele dedica todo um livro negando o valor da obra- que é convocado, por Romero, para comprovar sua hipótese. É como se um autor que, segundo Romero, pretendesse manter uma distância radical em relação à sua nacionalidade - como Machado - terminasse, tendo sua obra indelevelmente marcada por ela, independentemente dos temas por ele utilizados. Tal

¹² ROMERO, Silvio. *Obra filosófica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969, p. 112.

¹³ ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943, p. 112.

identidade, conclui Romero, não é escolhida por ninguém e age à revelia de quem a nega.

A reação negativa ao livro sobre Machado - publicado em uma época em que este já era visto como uma glória nacional - foi unânime. Contudo, e a atitude de Romero, a partir daí, foi defensiva, não se limitando, como de costume, a meramente desqualificar seu oponente.

Quando Romero, de qualquer forma, resolve desancar José Veríssimo- um de seus muitos inimigos- é o que ele considera ser o caráter abstrato de sua obra e destaca: É um abstrato que vive a sonhar com os medalhões, tendo queda especial para tipos exóticos, que pensa ele ingenuamente!... Seriam capazes de lembrar-lhe o nome ali do Pão de Açúcar para fora!...J. M. Mérou, Conde de Prozor, Ruben Dario, Guilherme Ferrero, Eurico Ferri, Anatole France, e vinte outros são do número.¹⁴

Atuando em um ambiente cultural no qual a especialização praticamente inexiste, Romero cria uma obra que abarca áreas bastante diversas, e isto, com algumas exceções, de forma mais ou menos superficial. Câmara Cascudo, em uma breve notícia biográfica do autor, salienta este aspecto: “Foi o maior divulgador e agitador de idéias culturais de sua época. Sua bibliografia é extensa, contando livros sobre quase todos os assuntos. Iniciou a história literária no Brasil”.¹⁵

Pretendendo-se ao mesmo tempo cientista e crítico literário, Romero reconhece a ambigüidade do status decorrente de sua posição, afirmando, em seu depoimento à coletânea organizada, por João do Rio, não ser nem um cientista ao pé da letra nem um crítico no sentido estrito do termo.¹⁶ E o que terminou por conferir à *História da literatura brasileira* seu caráter irremediavelmente datado foi exatamente esta ambigüidade que a transformou em

¹⁴ ROMERO, Silvio. *Zeveirissimações ineptas da crítica brasileira (repulsas e desabafos)*. Porto, Oficinas do Comércio do Porto, 1909, p. 33.

¹⁵ CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984, p. 713.

¹⁶ RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro, 1994, p. 39.

novidade no momento em que foi lançada: a utilização de um instrumental que se pretendia e era visto como científico à época para tratar da análise de obras literárias, e a busca de fatores extra-literários para a realização desta análise.

De qualquer forma, a obra mestra de Romero, como crítico, evidentemente, é a História da literatura brasileira, publicada em 1888, originalmente em dois volumes. O primeiro, eminentemente teórico, busca destacar os fatores determinantes na formação cultural brasileira (e não apenas literária), uma vez que, apesar do título, a obra é muito mais uma história cultural que apenas uma história literária. Já o segundo volume elenca, irregularmente, a produção cultural até, aproximadamente, a data de sua publicação. Mantida tal estrutura na segunda edição, publicada em 1902, ela é alvo de uma reformulação completa a partir da terceira edição, publicada em 1943. A partir daí, foi editada sob a responsabilidade de seu filho, Néelson Romero, em cinco volumes, ampliada, portanto, pelo acréscimo de textos posteriormente publicados,¹⁷ edição esta atualmente em circulação.

Bosi identifica três premissas da análise literária de Romero: a literatura como expressão direta de fatores naturais e sociais, o progresso da Humanidade como o sentido da seqüência dos fatos históricos e o caráter necessariamente genético da crítica literária.¹⁸ Partindo de tais premissas, Romero torna-se um crítico literário que deixa a literatura em segundo plano, e este ir além da literatura gera conseqüências captadas com precisão por Antônio Cândido:

De maneira quase sempre decepcionante, Silvio Romero crítico literário é alguém que só consegue ver, para lá da literatura, o seu cunho de documento da sensibilidade ou da sociedade,- com a conseqüente e referida birra

¹⁷ CAIRO, Luiz Roberto. A geração de 70 do século XIX e a construção da história da literatura in *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. Vol. 58. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 2000, p. 120.

¹⁸ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1970, p. 278.

pelas considerações de ordem estética, no fundo inacessíveis à sua insensibilidade neste setor e que ele costumava enquadrar na chave da masturbação mental.¹⁹

Importa a ele o processo histórico, social e econômico que criou a literatura brasileira. Este processo, ainda, é como se existisse para comprovar a teoria a partir da qual Romero o aborda. O mérito e o sentido artístico da obra importam menos que o fato dela funcionar ou não como índice de construção e existência da nacionalidade: como seu reflexo. É um reflexo, comumente, epidérmico; daí a grande quantidade de autores por ele mencionados e louvados que simplesmente desapareceram, enquanto obras que se revelaram duradouras ou mal são mencionadas ou então são duramente criticadas, servindo Machado de Assis como exemplo mais cristalino. Isto apesar de Machado, a seu modo, ser um legítimo representante da nacionalidade, “um brasileiro de regra, um nítido exemplar dessa sub-raça americana que constitui o tipo diferencial de nossa etnografia, e sua obra inteira não desmente a sua fisiologia, nem o peculiar sainete psicológico originado daí”.²⁰

A crítica literária, em Romero, teve um caráter instrumental bem salientado por Vilhena: tratava-se de tomar a literatura como “via de acesso para a compreensão do “caráter nacional” brasileiro, tema que persegue em toda a obra”.²¹ De fato, escrevendo sobre Martins Pena, Romero precisa o que lhe interessa ao estudar um autor: “O que procuramos ver nos escritos de Pena foi a história natural da sociedade brasileira”.²²

Interessa, a partir daí, não o valor especificamente literário da obra, mas o quanto ela incorpora, em si própria, de nacionalidade- geralmente tomada em seu aspecto mais

¹⁹ CÂNDIDO, Antônio (Org.). *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. São Paulo, EDUSP, 1978, p. xxv.

²⁰ ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1982, p. 67.

²¹ VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro, FUNARTE/Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 129.

²² ROMERO, Sílvio. *Martins Pena*. Porto, Chardron, 1901, p. 58.

superficial e externo-, e o quanto ela é útil como instrumento para desvendar este caráter cuja existência e características tornou-se uma esfinge a desafiar mais de uma geração de pensadores brasileiros. Não admira, neste contexto, que um autor aparentemente alienado e distante da realidade nacional, como Machado, fosse tão mal avaliado a partir destes critérios.

A literatura brasileira, para Romero, só tem validade, ainda, enquanto for de inspiração popular. É o caso da poesia: “A poesia brasileira, se pretende ser alguma alguma coisa de vívido e real, deve voltar a beber na fonte popular”.²³ Escrevendo sobre a música brasileira, décadas depois, Mário de Andrade retomaria, sem alterações, o pressuposto romeriano.

E a cultura tem, também, uma função formadora: são os poetas e os historiadores que exprimem a identidade nacional e estruturam as tradições que formam a nacionalidade. Para Romero, “sem ideal e sem tradições impossível é formar-se um povo; sem poesia e sem história não pode haver literatura; poetas e historiadores são os sacerdotes ativos e oficiantes da alma de uma nacionalidade”.²⁴

A literatura brasileira deve romper com o passado e situar-se como “filha mais nova da civilização atual”. Neste sentido, a herança positiva do romantismo foi precisamente a ruptura com uma tradição cultural a ser descartada. Assim, ele qualifica tal herança: “Suas vantagens - dar-nos a idéia de uma literatura nossa, que os clássicos em sua mofineza nunca poderiam sugerir; jogar-nos para fora dos livros portugueses que, continuando a alimentar-nos, levar-nos-iam à mais completa paralisia da inteligência”.²⁵

Tal ruptura, contudo, não implica em abandono da herança portuguesa. Pelo contrário, ela é vista por Romero

²³ ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 256.

²⁴ ROMERO, *História da literatura brasileira ...* vol. II, p. 239.

²⁵ MENDONÇA, Carlos Sussekind de. *Sílvio Romero: sua formação intelectual (1851-1880)*. São Paulo, Nacional, 1938, p. 91.

como uma garantia de continuidade em meio ao processo de mestiçagem. Trata-se de “um lusitanismo que era a garantia da estabilidade e da continuidade da cultura brasileira nas condições em que vinha se processando desde os primeiros momentos da colonização: cultura de formação largamente mestiça”.²⁶

A obra literária, na obra de Romero, perde autonomia, transformando-se em porta para o conhecimento da realidade brasileira. Sua atividade enquanto crítico visa, ao mesmo tempo, a construção e compreensão da nacionalidade, a partir de um projeto caro aos românticos, central na obra de Varnhagen, e pano de fundo para toda a atividade desenvolvida, desde sua fundação, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. É como se a literatura, no final, tivesse, para ele, interesse apenas secundário e - cumprida a função de orientá-lo no conhecimento desta realidade - pudesse ser abandonada como de fato foi, relativamente, a partir de 1890, sendo estabelecido por Zilberman o momento em que se dá tal clivagem: “a partir dos anos 90, Sílvio Romero dedicou-se à política, afastando-se do estudo sistemático da literatura brasileira”.²⁷

Não é possível, contudo, separarmos rigidamente, na obra de Romero, a atividade e o pensamento político da obra literária. Como acentua Moraes Filho, “não há um só livro de Sílvio Romero, por mais literário ou filosófico que seja, que não contenha crítica política- segundo sua própria denominação-, quer em sentido alto, teórico, de princípios e doutrinas, quer no nível concreto, de fatos, partidos e pessoas”.²⁸

A visão que Romero tem da cultura é a de uma evolução contínua, a ser mapeada a partir de pioneirismos e graus de

²⁶ RABELLO, Sylvio. *Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944, p. 206.

²⁷ ZILBERMAN, Regina. *Críticos e historiadores: pesquisando a identidade nacional in Via Atlântica*. Num. 4. São Paulo, USP, 2000, p. 47.

²⁸ MORAES FILHO, Evaristo de. *Medo à utopia: o pensamento social de Tobias Barreto e Sílvio Romero*. Rio de Janeiro/Brasília, Nova Fronteira/INL, 1985, p. 224.

superioridade. Ventura estabelece e acentua tal visão, ao afirmar: “A polêmica corresponderia, no plano cultural, aos processos teleológicos de aperfeiçoamento das espécies da natureza. Enquanto parte da “luta pela Existência”, o debate traria a evolução da literatura e do pensamento, promovendo a sua seleção e depuração”.²⁹

E, por outro lado, liga Romero ao positivismo- por mais que ele se faça crítico do movimento- sua inabalável crença na existência de leis que regem o desenvolvimento cultural e social; leis que se conhecidas- e ele se gaba de conhecê-las- abririam qualquer porta. Como acentua Sérgio Buarque, referindo-se ao método romeriano: “todo estudo só seria cientificamente certo, na medida em que se conformasse a certas leis fundamentais, leis que seriam as mesmas para o mundo físico e o da cultura”.³⁰

Mesmo criticando-o, Romero jamais rompeu inteiramente com o positivismo, segundo Paim, que ressalta, ainda, como o autor buscou transformar o sistema comteano a partir das idéias de Darwin e da influência de Spencer³¹ um evolucionismo, enfim, concebido a partir do arcabouço positivista.

E o evolucionismo é a chave de sua obra. Mesmo a crítica literária romeriana é de cunho explicitamente evolucionista e organicista. Para ele, “a literatura rege-se pela lei do desenvolvimento à maneira das formações biológicas. Ainda como as criações biológicas, ela tem a sua luta pela existência, onde as idéias mais fracas são devoradas pelas mais fortes”.³² Na obra de Romero, de fato, como salienta Nogueira, “o darwinismo serve para tudo”.³³

²⁹ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 106.

³⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, vol. II. p. 360.

³¹ PAIM, Antônio. *A filosofia da escola do Recife*. Rio de Janeiro, Saga, 1966, p. 43.

³² ROMERO. *História da literatura brasileira...* vol. III. p. 100.

³³ NOGUEIRA, Alcântara. *Conceito ideológico do Direito na Escola do Recife*. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980, p. 127.

Meio, raça, cultura são os princípios básicos, segundo Romero, a partir dos quais torna-se possível explicar a formação de uma nacionalidade, bem como de sua literatura. Tal pressuposto gera conseqüências, a nível metodológico, definidas por Cândido: “O que será, então, a crítica fundamentada nestes princípios- meio, raça, cultura? O seu primeiro efeito é destruir o critério estético e valorativo vigente até então. A conseqüência próxima é tomar como critério de valor literário o caráter representativo do escritor, a sua função no processo de desenvolvimento cultural”.³⁴

Romero, de qualquer modo, buscou justificar seu método, e as conexões e determinismos que o fundamentam. Para ele, a razão pela qual vão ficando quase sempre incompreendidos nossos tipos literários, ainda dos mais notáveis, é porque a crítica entre nós nunca se dá ao trabalho de estudar os fatos pertinentes à vida espiritual brasileira sob suas diversas relações, sob seus diferentes aspectos.³⁵ É esta a tarefa que ele se encarregou de executar e que, a seus olhos, justifica e diferencia sua obra.

Cria-se, enfim, na obra de Romero, o que Nunes chama de hierarquia oscilante de causas,³⁶ na qual o meio e a raça convivem com outros fatores explicativos como a política, a formação econômica e a importação de idéias e tendências, com o autor dando primazia ora a um ora a outro fator, sem que saibamos, no final, qual fator é realmente o determinante.

Tal tentativa de utilização, como crítico, de fatores extraliterários, confere-lhe, por outro lado, inegável posição pioneira na cultura brasileira, na medida em que busca situar a obra literária no contexto mais amplo do qual ela faz parte, mas contribui, também, para dar a seu método limitações das quais ele jamais se livraria: Romero jamais foi capaz de dar conta da especificidade de qualquer obra por ele analisada, partindo sempre de um reducionismo que, na maioria das

³⁴ CÂNDIDO, Antônio. O método crítico de Sílvio Romero. *Boletim Num.* 266. *Teoria Literária e Literatura Comparada Num.* 1. São Paulo, USP, 1962, p. 54.

³⁵ ROMERO. *Machado de Assis...* p. 101.

³⁶ NUNES, Benedito. *Crivo de papel*. São Paulo, Ática, 1988, p. 227.

vezes, mais que como um método funcionou como autêntica camisa de força.

Logo no início de *História da literatura brasileira*, por exemplo, Romero já expressa um conceito que nortearia toda sua obra e do qual ele tiraria conclusões que fundamentariam todo seu pensamento:

A história do Brasil, como deve ser hoje compreendida, não é, conforme se julgava antigamente e era repetida pelos entusiastas lusos, a história exclusiva dos portugueses na América. Não é também, como quis de passagem supor o romanticismo, a história dos tupis, ou, segundo o sonho de alguns representantes do africanismo entre nós, a dos negros em o Novo Mundo. É antes a história da formação de um tipo novo pela ação de cinco fatores, formação sextiária, em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéias. Os operários deste fato inicial tem sido: o negro, o índio, o meio físico e a imitação estrangeira.³⁷

Toda sua obra pode ser definida como variações em torno deste trecho célebre. Aqui estão definidas as diretrizes que delimitariam e dariam sentido à um esforço de pensar o Brasil que seria desenvolvido pelo autor ao longo de décadas, e as contradições que marcariam continuamente este esforço jamais fariam o autor afastar-se das idéias básicas contidas neste enunciado.

E este trecho serve, ainda, para balizar a importância crucial que a questão racial e, mais especificamente, a mestiçagem, exerce em sua obra. Acentua tal importância o fato de, em seus estudos sobre a cultura popular, Romero ignorar o que considera as matrizes desta cultura, e interessar-se apenas pelo resultado, ou seja, pelo brasileiro. Cabe ao “coletor”, então, “distinguir o brasileiro propriamente dito das origens que o formaram” e, para isto, torna-se necessário o estabelecimento de um processo de exclusão: “Consideramos o índio puro como estranho à nossa vida presente. O mesmo pensamos a respeito do negro da costa.

³⁷ ROMERO. *História da literatura brasileira...* vol. I, p. 39.

O português, o emboaba, o reinol, está nas mesmíssimas condições”.³⁸

Romero mantém, por outro lado, a idéia de desigualdade racial herdada de suas leituras de Gobineau, mas integra-a em uma perspectiva que permite assegurar certa dose de otimismo. Se somos racialmente inferiores porque mestiços, é a mestiçagem que abrirá caminho para a preponderância futura do homem branco. E- abrindo um caminho que levaria diretamente ao modernismo e a Gilberto Freyre- a mestiçagem, para ele, não é apenas um processo racial, mas também e, em larga medida, cultural, tornando possível uma cultura e uma identidade especificamente brasileiras.

O reconhecimento desta importância gera, inicialmente, um certo otimismo, mesmo que hipotético: O povo brasileiro, como hoje se nos apresenta, se não constitui uma só raça compacta e distinta, tem elementos para acentuar-se com força e tomar um ascendente original nos tempos futuros. Talvez tenhamos ainda de representar na América um grande destino *cultur-histórico*.³⁹ Para que este grande destino chegue um dia, a mestiçagem precisaria ser concluída com êxito, o que implicaria na fusão definitiva das raças- em seu desaparecimento, portanto- em uma raça única e original na qual prevaleceria a raça por ele definida como a superior. E ele aposta na conclusão deste processo, ainda que a longo prazo:

Sabe-se que na mestiçagem a seleção natural, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o tipo da raça mais numerosa, e entre nós, das raças puras a mais numerosa, pela imigração européia, tem sido e tende ainda mais a sê-lo, a branca...Dentro de dois ou três séculos, a fusão étnica estará talvez completa e o brasileiro mestiço bem caracterizado.⁴⁰

Mesmo este otimismo hipotético, contudo, desapareceria por completo de sua obra, dando início, na

³⁸ ROMERO, Sílvio. *Uma espezteza: os Cantos e Contos populares do Brasil e o sr. Teófilo Braga*. Rio de Janeiro, Tipografia da Escola, 1887, p. 28-9.

³⁹ ROMERO. *História da literatura brasileira...* vol. I, p. 85.

⁴⁰ Idem, p. 86.

transição para o século XX, a um pessimismo praticamente irrestrito. De fato, Romero mergulha, nos últimos anos de sua vida, em profundo pessimismo quanto ao futuro da nação, afirmando ser o futuro por ele imaginado para o país viável, talvez, apenas no século XXIV.⁴¹

A questão racial, em Romero, assume, ainda, uma conotação francamente desfavorável ao índio e ao indianismo. A crítica de Romero ao romantismo, a partir de sua vertente indianista, implica, contudo, tanto em ruptura quanto em continuidade, já que todos eles- românticos e Romero- partiram em busca do mesmo objetivo, que era definir a nacionalidade a partir de suas origens. Como acentua Esteves, Romero irá repisar a trilha aberta por seus contendores românticos; enquanto estes haviam vasculhado o passado em busca de matrizes da nacionalidade, Romero, municiado pelas lentes científicas de seu tempo, orientará sua viagem pela busca de sua origem étnica.⁴²

Mas, aqui, Romero busca matizar, mais tarde, esta recusa, reconhecendo certos excessos: Hoje, correndo, ainda uma vez o risco de passar por contraditório, perante destemperados zoilos que não sabem o que é contradição, reconheço que houve excesso na redução feita à influência dos indígenas.⁴³

Romero, de fato, não apenas não tem o índio em grande conta, para dizer o mínimo, como considera desastrosa sua influência na formação nacional. Segundo ele, é certo que os primitivos habitantes do país não ultrapassaram os últimos degraus da selvageria; é exato ainda que a nossa atual civilização é toda impregnada de barbarismo.⁴⁴ Trata-se de uma influência, portanto, que é sinônimo de barbárie. E ele busca, situar, ainda, o que seriam estes últimos degraus: Estavam os indígenas brasileiros quase todos no período da

⁴¹ ROMERO, Sílvio. *O Brasil na primeira década do século XX*. Lisboa, A Editora, 1911, p. 43.

⁴² ESTEVES, Paulo Luiz Moreaux Lavigne. *Paisagens em ruínas: exotismo e identidade nacional no Brasil oitocentista* in *Dados*, Vol. 41, Num. 4, Rio de Janeiro, 1998, p. 850.

⁴³ ROMERO. *Obra filosófica...* p. 200.

⁴⁴ ROMERO. *História da literatura brasileira...* vol. I, p. 69.

pedra polida, idade que se segue à da pedra lascada e é seguida pela dos metais.⁴⁵ Por outro lado, o índio ocupa o lugar que deveria pertencer ao negro como objeto de estudo, caindo, sobre este, o mais completo silêncio. Temos aqui um programa de estudo que se opõe conscientemente ao indianismo e busca, já, a valorização do negro como elemento formador da nacionalidade.

A análise da questão racial, em sua obra, é feita, também, de uma perspectiva evolucionista. Já Pereira de Queiroz ressalta o evolucionismo como elemento determinante no pensamento de Romero: Sua visão do mundo era plenamente evolucionista; as diferenças entre os homens,- indígenas, sertanejos, citadinos- não seriam de essência, mas de estágios de evolução que os grupos humanos percorriam sucessivamente. Decorriam elas, pois, do fato de grupos estarem variavelmente colocados na escala da evolução social. Daí, segundo ela, o otimismo do autor: obstáculos raciais ao desenvolvimento seriam passíveis de superação na medida em que os diversos níveis de evolução nos quais as raças se situam, escalonam-se em uma trajetória unilinear rumo ao estágio superior. E tal estágio corresponderia, no Brasil, à supremacia do homem branco: A total integração seria o estágio final e harmônico da civilização e da sociedade no Brasil, conclusão de um processo de fusão em que, muito embora o branco “puro” diminuísse sem cessar, terminaria por constituir o elemento dominante.⁴⁶

As teorias raciais defendidas por ele são, de fato, estritamente evolucionistas e o evolucionismo, proposto por ele, parte de características físicas para criar uma escala na qual cada raça situa-se em um patamar específico e bem delimitado, e a análise que ele faz dos semitas, por exemplo, ilustra bem este esquema. De acordo com Romero:

⁴⁵ Idem, p.95.

⁴⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Uma nova interpretação do Brasil: a contribuição de Roger Bastide à sociologia brasileira. In *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Num. 20, São Paulo, 1978, p. 102-3.

As raças semíticas são bem diferentes das arianas e lhes são, a darmos créditos a alguns naturalistas, alguma coisas inferiores, dessa inferioridade que consiste em estar-se um passo aquém na escala evolucional...O desenvolvimento físico e moral do semita é muito precoce e muito rápido; logo porém estaciona. Bem cedo as peças anteriores do crânio que contém os órgãos intelectuais, ficam-lhe fortemente presas e seguras. O crescimento ulterior do cérebro torna-se impossível.⁴⁷

E as referências às medidas cranianas remetem a outro aspecto que a questão racial toma em sua obra. Romero faz a enfática defesa da adoção de medidas eugênicas contra a reprodução dos degenerados, loucos, epiléticos, tuberculosos, alcoólicos, morféticos,⁴⁸ embora não se preocupe em definir quais medidas seriam estas.

Como virtualmente todos os autores de sua época, a análise do impacto exercido pela migração e a questão racial entrelaçam-se na obra de Romero. Para ele, pensar o problema da imigração é pensar a questão racial. Sua posição em relação ao assunto foi, como é praxe em sua obra, essencialmente contraditória. Como acentua Martins, “por um lado, ele acompanhava a ciência da época ao distinguir as raças entre ‘superiores’ e ‘inferiores’; por outro lado, denunciava o ‘perigo alemão’ no sul do Brasil”,⁴⁹ e Kothe relaciona o temor de Romero quanto às conseqüências da imigração alemã ao que define como uma imagem basicamente negativa do alemão presente na literatura brasileira.⁵⁰

Este atribui às imigrações alemã e italiana, inicialmente, uma função regeneradora: “Pode-se a respeito dela desde já predizer que no sul do Império está se formando

⁴⁷ ROMERO. *Obra filosófica...*, p. 133.

⁴⁸ ROMERO, Sílvio. *Realidades e ilusões no Brasil: parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios*. Petrópolis, Vozes, 1979, p. 320.

⁴⁹ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1977, vol V, p. 298.

⁵⁰ KOTHE, Flávio. *O cânone colonial: ensaio*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 41.

um grande núcleo, que dentro de dois ou três séculos nos há de salvar de nossa cada vez mais crescente extenuação de forças e de idéias”.⁵¹

A solução, entretanto, transforma-se em problema e a imigração de uma raça capaz de branquear o brasileiro e resgatá-lo de sua inferioridade racial perante o europeu, torna-se um risco para a nacionalidade, com o imigrante branco- pela sua própria “superioridade”- sendo visto como um elemento de difícil inserção na nacionalidade.

O imigrante, para Romero, tem, acima destas contradições, porém, um papel preciso a cumprir, que é corrigir os males decorrentes da formação racial mestiça que define o brasileiro. Segundo Seyferth:

O papel do imigrante, portanto, está bem definido- concorrer para a formação de um tipo brasileiro, elemento da unidade nacional (que paradoxalmente, vê comprometida pela “desarmonia das índoles decorrente da mestiçagem”). Trata-se de uma construção racial- clarear a pele do brasileiro do futuro, pelo menos- pois a nacionalidade já tem sua cultura, sua língua e sua religião. Na concepção de Romero a nação brasileira do futuro deve ser uma civilização latina e branca, o que implica na assimilação dos imigrantes à formação lusitana do país.⁵²

Trata-se, claramente, de usar o veneno como antídoto: manter o processo de miscigenação, mas agora, a partir da raça certa, ou seja, tornar o imigrante oriundo das raças superiores o elemento catalisador de um novo processo de miscigenação destinado a corrigir o processo anterior e fazer a formação racial do brasileiro tomar, enfim, o caminho correto.

A preocupação nacional com o imigrante teria ainda, segundo ele, uma função negativa ao deixar em plano

⁵¹ ROMERO. *Estudos sobre a poesia popular ...*, p. 34.

⁵² SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização in MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs). *Raça, Ciência e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/ Centro Cultural Banco do Brasil, 1996, p. 51.

secundário a preocupação com o trabalhador livre. Romero critica a abolição e mesmo o processo histórico anterior no que se refere aos libertos por não ter sido completada por um programa de reforma agrária que teria transformado um multidão de antigos escravos num corpo sólido de proprietários e operários agrícolas.⁵³

É, com isto, segundo ele, todo um projeto de nacionalidade baseado no trabalhador livre brasileiro que se inviabiliza. Ao mesmo tempo, Romero sempre esteve longe de ser considerado um abolicionista, usando um argumento muito comum aos críticos da abolição: sendo ela própria inexorável, decretar a abolição iria apenas apressar desnecessariamente o que era inevitável, acarretando riscos sociais desnecessários. Como lembra Bosi, adotando o lema darwiniano de “a natureza não faz saltos”, o crítico sergipano preferiria que se tivesse deixado em liberdade as forças em conflito do qual adviriam naturalmente as soluções corretas para salvar o “organismo nacional”.⁵⁴

A solução via branqueamento, proposta por Romero, passa por uma solução genética, como acentua Barel: A solução encontrada por Romero foi a teoria do branqueamento, segundo a qual, sendo a raça branca fenotipicamente dominante à raça negra, progressivamente ocorreria um branqueamento do povo, pois os genes para a raça negra seriam com o tempo inibidos, deixando de se manifestar.⁵⁵

Mas tal perspectiva- otimista, afinal, se tomarmos a perspectiva do autor- não se mantém. Todos os projetos do autor são negados, ao fim e ao cabo, por um retrato profundamente negativo e pessimista que, afinal, ele traça do país. Mota descreve-o com precisão:

A imagem da nação mais frequente no texto romeriano evoca uma raça malformada, vagando num território onde

⁵³ ROMERO. *Realidades e ilusões no Brasil...*, p. 178.

⁵⁴ BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 278.

⁵⁵ BAREL, Ana Beatriz Demarchi. *Um romantismo a Oeste: modelo francês, identidade nacional*. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2002, p. 279.

a abundância de produtos espontâneos incentivava à vadiagem, sob uma ordem política favorável a toda espécie de arbítrios e de ladrocinhas. A imensa legião de miseráveis e analfabetos que constituíam a nação era, pois, o corolário de vícios étnicos e da leviandade histórica das elites.⁵⁶

Fundamenta tal pessimismo o desalento expresso pelo autor em relação às elites brasileiras, definidas como basicamente alienadas, alienação que tem reflexos, inclusive, na crítica literária brasileira, inexistindo uma história da vida intelectual brasileira;⁵⁷ lacuna que Romero, evidentemente, propõe-se a suprir.

Tal pessimismo não é, porém, novidade em sua obra. Mencionando os *Ensaio parlamentares*, livro de estréia, publicado em 1879, no qual fazia a crítica furiosa dos principais parlamentares do período, Brito Broca salienta a visão crítica da realidade de sua época já imperante na obra: “A situação calamitosa do País estava intimamente ligada à inaptidão da Monarquia e só encontraria remédio numa mudança de regime; pessimismo bem de acordo com o espírito naturalista de que o escritor fazia timbre na crítica”.⁵⁸

E se as elites demonstram desinteresse ou incapacidade, Romero nega validade à idéia de soberania popular e desconsidera a capacidade do povo em gerir seus próprios destinos, lembrando que *a direção das idéias não parte do povo como massa inerte*.⁵⁹ Caberia aos operários da ciência e aqui ele mostra o quanto a mentalidade positivista ainda é a sua- conduzir a marcha das idéias e, conseqüentemente, os destinos da nacionalidade. E entre estes operários, Romero dá a si próprio e a suas idéias, evidente prioridade.

⁵⁶ MOTA. *Silvio Romero...*, p. 73.

⁵⁷ ROMERO. *História da literatura brasileira...* vol. I, p. 38.

⁵⁸ BROCA, Brito. *Machado de Assis e a política: mais outros estudos*. São Paulo/Brasília, Polis/INL/Fundação Pró-memória, 1983, p. 97.

⁵⁹ ROMERO. *História da literatura brasileira...* vol. III, p. 325.

Referências

- ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998.
- BAREL, Ana Beatriz Demarchi. *Um romantismo a Oeste: modelo francês, identidade nacional*. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2002.
- BARRETO, Tobias. *Obras Completas*. Aracaju, Edição do Estado do Sergipe, 1926.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1970.
- _____. *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996
- BROCA, Brito. *Machado de Assis e a política: mais outros estudos*. São Paulo/Brasília, Polis/INL/Fundação Pró-memória, 1983.
- CAIRO, Luiz Roberto. A geração de 70 do século XIX e a construção da história da literatura in *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. Vol. 58. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 2000
- CÂNDIDO, Antônio. O método crítico de Silvio Romero. *Boletim Num. 266. Teoria Literária e Literatura Comparada Num. 1*. São Paulo, USP, 1962.
- _____. (Org.). *Silvio Romero: teoria, crítica e história literária*. São Paulo, EDUSP, 1978.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984.
- COSTA, Cruz. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- ESTEVES, Paulo Luiz Moreaux Lavigne. Paisagens em ruínas: exotismo e identidade nacional no Brasil oitocentista. In: *Dados*, Vol. 41, Num. 4, Rio de Janeiro, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- KOTHE, Flávio. *O cânone colonial: ensaio*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1997.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1977.
- MENDONÇA, Carlos Sussekind de. *Silvio Romero: sua formação intelectual (1851-1880)*, São Paulo, Nacional, 1938.
- MORAES FILHO, Evaristo de. *Medo à utopia: o pensamento social de Tobias Barreto e Silvio Romero*. Rio de Janeiro/Brasília, Nova Fronteira/INL, 1985.
- MOTA, Maria Aparecida Resende. *Silvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.
- NOGUEIRA, Alcântara. *Conceito ideológico do Direito na Escola do Recife*. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980.
- NUNES, Benedito. *Crivo de papel*. São Paulo, Ática, 1988.
- PAIM, Antônio. *A filosofia da escola do Recife*. Rio de Janeiro, Saga, 1966.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Uma nova interpretação do Brasil: a contribuição de Roger Bastide à sociologia brasileira in *Revista do*

- Instituto de Estudos Brasileiros*. Num. 20, São Paulo, 1978.
- RABELLO, Sylvio. *Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.
- RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro, 1994.
- ROMERO, Sílvio. *Uma espezteza: os Cantos e Contos populares do Brasil e o sr. Teófilo Braga*. Rio de Janeiro, Tipografia da Escola, 1887.
- _____. *Martins Pena*. Porto, Chardron, 1901.
- _____. *Zeverissimações ineptas da crítica brasileira (repulsas e desabafos)*. Porto, Oficinas do Comércio do Porto, 1909.
- _____. *O Brasil na primeira década do século XX*. Lisboa, A Editora, 1911.
- _____. *Prefácio in BARRETO, Tobias. Obras Completas. Vol. II*. Aracaju, Edição do Estado do Sergipe, 1926.
- _____. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943.
- _____. *Obra filosófica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
- _____. *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- _____. *Realidades e ilusões no Brasil: parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- _____. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1982.
- SALDANHA, Nelson. *A Escola do Recife*. São Paulo/Brasília. Convívio/INL, 1985.
- SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização in MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (Org). *Raça, Ciência e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/ Centro Cultural Banco do Brasil, 1996
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991
- _____. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003
- VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro, FUNARTE/Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- ZILBERMAN, Regina. *Críticos e historiadores: pesquisando a identidade nacional in Via Atlântica*. Num. 4. São Paulo, USP, 2000.

Método, raça e identidade nacional em Sílvio Romero

Ricardo Luiz de Souza

Resumo: O texto faz uma análise da obra de Sílvio Romero a partir de seus parâmetros metodológicos. Enfoca, ainda, a importância assumida pela questão racial em sua obra, e o caráter pioneiro e inovador da obra do autor no contexto da cultura brasileira. Busca, finalmente, situar a questão da identidade nacional em seu pensamento, relacionando-a ao crescente pessimismo que nele se constata.

Palavras-chave: raça, modernidade, método, literatura

Abstract: The text makes an analysis of the intellectual work of Sílvio Romero from its methodological parameters. It also focuses the importance assumed by the racial question in his work, and the pioneering and innovative character of the work of the author in the context of Brazilian literature. It points out the question of the national identity in Romero's thought, relating it the increasing pessimism that in he shows in his writings.

key words: race, modernity, literature, method.

Artigo recebido para análise em 17/02/2004.

Artigo aprovado para publicação em 15/12/2004